

*José Denizard Macedo de Alcântara*

Quando a fraterna amizade de Cláudio Martins e Mozart Soriano Aderaldo teve a lembrança de consultar a este modesto professor sobre a possibilidade de sua candidatura ao honroso sodalício da Academia Cearense de Letras, meu primeiro e vivo sentimento foi o de recusar a indicação, dado o apoucamento de meus méritos literários e a pouca valia da contribuição que poderia trazer à luzida Companhia que, desde sua fundação, vem reunindo o escol que o Ceará tem tido em matéria de cultura, inteligência e arte literária.

Nunca me considerei um homem de letras, no rigor exato e preciso da expressão, atitude que, se não tivesse outra razão a justificá-la, teria, pelo menos, o exemplo de Rui Barbosa, que por igual nunca se quis considerar escritor, ele que, como poucos, soube manejar a graça do idioma e as louçanias de nosso vernáculo tumular, no conhecido conceito de Eça de Queirós e de Olavo Bilac. Jurista, político, advogado, orador, tradutor de autores estrangeiros, tudo isto Rui aceitava. Escritor, não, quando, entretanto, são as páginas magníficas de riqueza verbal e de estilo portentoso que hão de lhe dar a imortalidade literária.

Afastada qualquer semelhança pessoal entre o gigante baiano e o pobre mestre-escola cratense, é exatamente essa a minha perplexa condição ao ingressar na mais alta corporação de letras da terra alencarina. Sou apenas um leitor inveterado, amante dos bons autores e das boas leituras, gostando um tanto até dos poetas e da poesia, mas dedicado mais aos temas das ciências políticas e sociais, num interesse

polivalente que cobre o leque que vai da Contabilidade à Filosofia, passando pela Sociologia, a Economia, o Direito, a Pedagogia e a Política, fazendo aqui e ali um pouco de jornalismo e de tribuna. Tenho sido, sobretudo, um serventário da cátedra e um escravo da malsinada docência brasileira, nela algemado desde 1937 — quase 40 anos — pela dura necessidade de ganhar o pão ao longo de uma vida em que mais sobraram dificuldades e empecilhos que as flores perfumadas da vitória e do êxito.

Não é esta a hora de fazer uma autobiografia espiritual. Meu pensamento, porém, ficaria incompleto se não proclamasse que, no elenco indeciso das minhas opções intelectuais, dois assuntos, dois temas constituíram sempre minha eleição e preferência habituais: a História e a Política, tão vizinhas, tão irmanadas, a ponto de Léon Daudet haver chamado a primeira de laboratório experimental da segunda. Por isto, pude afirmar em discurso, ao receber João Hipólito Campos de Oliveira no Instituto do Ceará que, embora eu fosse legalmente casado com a Geografia, desde que a esta disciplina pertenciam minhas duas cátedras federais, no magistério do Exército e da Universidade Federal do Ceará, era sempre o eterno enamorado daquela deusa que foi o encanto e o enlevo de Herculano, Oliveira Martins, João Ameal, Capistrano, Gaxotte, Lamartine, Carlyle, Fustel de Coulanges e tantos outros, quer em língua portuguesa ou em idiomas estrangeiros.

Parti da História e a ela sempre retorno em minhas elucubrações espirituais. Interessando-me pela sua temática desde os tempos recuados da escola primária no Crato, foi ela que me conduziu às demais províncias do saber humano. Fazendo-me criar o hábito constante da leitura, fui levado ao gosto pelas letras e pelos bons autores. Instando minha curiosidade intelectual para melhor entender os acontecimentos, tal pressão far-me-ia perلustrar os caminhos de outros ramos do saber que iluminam o fato histórico, compulsando-me no rumo das ciências sociais, das leituras jurídicas, dos tratados de geografia humana, dos temas financeiros e econômicos, dos debates políticos. Na hora de buscar o trabalho para vi-

ver, ela me empurrou naturalmente rumo ao magistério secundário e, posteriormente, superior. A condição de professor trouxe-me ainda ao interesse pelos problemas pedagógicos e pelas questões educacionais. Em sùmula, conhecimentos vários que se acumulariam desordenadamente se não houvesse algo a disciplinar e pôr ordem na casa, o que obviamente só poderia ser feito pela Filosofia que me ergueu à transcendente área das causas últimas, graças a Deus sempre guiado pela luz que continua descendo de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, sempre novos e sempre atuais. Tudo foi a História que fez neste complicado e múltiplo enveredamento por dispersivas regiões da cultura.

Neste auto-julgamento de minha modesta vida intelectual, uma conclusão se impõe: a curiosidade dispersiva, a pluralidade dos meus interesses mentais, o vôo de pássaro por díspares regiões do pensamento, a rigor não me permitiu, ou melhor, fez-me fugir à chatice das especializações rígidas e bitoladas, mercê de Deus, tornando-me apenas e singelamente aquela natureza higroscópica e mente espongiária, absorvente de toda sorte de informações que despertou seu interesse intelectual, a exemplo do que referia Batista Pereira na elegante polêmica da década de 1920 com Oliveira Vianna.

Se foi este o condicionamento da minha formação que não me permitiu sequer a modéstia de uma sólida especialização, muito menos também poderia adquirir o predicamento de homem de letras, qualquer que fosse o gênero da arte literária. Como disse o Tristão de Ataíde dos velhos tempos, antes de sua atual necrose "progressista", em excelente ensaio sobre a obra cultural de Pedro II e do Império, existem dois tipos de intelectuais: o "receptivo", mero armazenador de conhecimentos e informações, e o "criador", aquele que é capaz de arrancar da argila da realidade, do tosco barro da existência o forte material com que constrói a obra de arte, o produto de original beleza.

Ora, eu sou apenas um receptivo e o teatrólogo, o poeta, o romancista, o ensaísta, o cronista são sobretudo exemplos fecundos de dinamismo criador. Não poderia, portanto, al-

mejar que um pouco de erudição e alguns traços de cultura fossem capazes de esculpturar o apolíneo e o dionisiaco que existem no verdadeiro criador das grandes obras literárias em qualquer dos seus gêneros.

Aos meus olhos afigurava-se-me minha presença entre vós outros, neste lugar tão ameno e nesta companhia tão solícita e amável que é a Academia, como imerecido ou descabido posto que meu senso auto-crítico não permitia aceitar a não ser por vã fantasia e pomposa vaidade e somente a ocorrência de outros fortes e razoáveis argumentos viriam vergar minha vontade ante tal evento.

O primeiro partiu de Hugo Catunda, este primoroso ensaísta e historiador de muito acolhido à sombra da vossa honrosa bandeira que, em missiva desvanecedora para minha humildade intelectual, aludia à minha candidatura nos seguintes termos:

“Nem se explicava, aliás, que você permanecesse arredio da ilustre Companhia, quando ela vive à cata de valores autênticos para se tornar ainda mais influente nos domínios da cultura — tão ameaçada e até mesmo tão sufocada pela tecnologia delirante dos nossos dias. Ingressar, hoje, numa Academia de Letras é, pois, formar numa linha de resistência contra essa pretensa ofuscação do brilho de tudo quanto de mais belo e fecundo têm dado ao mundo a inteligência criadora e a força renovadora do pensamento. Na Academia você será um soldado dessa linha de resistência, e estou certo de que desempenhará com garbo e bravura a sua missão.”

Ora, Hugo Catunda indicava nesta epístola deliciosa e amiga uma trincheira para meus ideais de soldado raso do humanismo cristão e ocidental, de defesa do intelectual e da cultura e de combatente extremado das deformações da ciência e da técnica em “cientificismo” e “tecnicismo” e, conseqüentemente, de seus efeitos sociais que se manifestam na “tecnocracia” e no predomínio dos “tecnocratas” na ordem política, uma das desgraças do mundo moderno e a que Alberto Speer, ex-Ministro de Hitler e um dos condenados de Nüremberg, aponta em suas memórias como uma das causas

do êxito nazista na Alemanha e a que Jean Meynaud, Louis Daujarques e Jacques Billy, brilhantes pensadores franceses do nosso tempo, consagraram enérgica e luminosa crítica.

Outro empuxo vigoroso partiu de Cláudio Martins e Mozart Soriano, amigos fraternos e pujantes cabeças que honram o Ceará. Impulso decisivo para firmar minha resolução, pois atingia meu calcanhar de Aquiles de amigo e de cratense. Homem que tem a amizade leal, franca e fiel como um culto. aquela amizade certa das horas incertas do brocardo latino e que Jáder de Carvalho cantou em verso inexcedível da legítima poesia brotada do sangue cearense e da terra calcinada do sertão, e guardando por outro lado com carinho e enlevo as raízes fincadas no solo ubérrimo do Cariri e nas ruas da minha Real Vila do Crato, como resistir ao que dizia o dueto de Mozart e Cláudio: “A vaga da Cadeira nº 34 é de Figueiredo. É preciso um amigo do Figueiredo, cratense como ele, para substituí-lo.”

Não seria possível relutar mais e forçoso era render-me ao impacto de argumentos tão emotivos à sensibilidade de amigo de Figueiredo Filho por longos anos e à categoria de cratense duzentão. E aqui estou, entre vós, singelamente, despreziosamente, animado do desejo de servir, na medida restrita de minhas limitadas possibilidades intelectuais, aos objetivos que consagram a existência histórica da Academia Cearense de Letras, abeirando-se de seu centenário, pois estamos já no último quartel de seu primeiro século de vida.

Em que pese a excelência dos trabalhos de Marcos Antônio de Macedo, de João Brígido, de Abelardo Parreiras (pseudônimo do cratense Pe. Alboim Monteiro), de meu saudoso mestre Joaquim Alves, de Xavier de Oliveira, de Djacir Meneses, de Irineu Pinheiro e do Pe. Antônio Gomes de Araújo, este último, meu sempre lembrado e querido docente de História no Ginásio do Crato, ainda está por ser feito o retrato em corpo inteiro do vale sopedâneo do Araripe, configurando-lhe as facetas essenciais do ambiente bio-físico, do sociológico, do etnográfico, do econômico e do histórico que definem as raías

de sua individualidade como marcante subregião geográfica do Nordeste.

A Geografia é um imperativo que prefigura a História, sem o caráter exclusivista de monocausalismo. Para Heródoto o Egito era o presente do Nilo. Para Hegel, como para o moderno Pirenne, sem o Mediterrâneo não se compreendia a História. Não se compreende o Cariri sem a Chapada do Araripe: sua história, sua sociologia, sua economia repousam na ligação do homem com as águas do sopé plasmando a aglutinação social de um habitat que é a ilha úmida dos sertões.

A chapada corre fronteirando como muralha de safira as lindes cearenses e pernambucanas. Erguendo-se, após a depressão do sudoeste do Estado, nas imediações da fronteira piauiense, corre para leste até abater-se no Baixio das Bestas, em Jardim, ao nível do solo dos sertões circunvizinhos, formando o vasto hemicíclo que é o vale do Cariri, e servindo de divisor de águas entre a bacia do São Francisco pelo Riacho da Brígida, e a bacia do Jaguaribe pelo Rio Salgado que vem encontrar seu desaguadouro nas vizinhanças do Icó, velho centro irradiador de civilização e comércio na fase colonial.

O solo coluvial dos pés-de-serra, formado pelos detritos das terras altas desagregadas pela erosão, as fontes murmurantes do sopé deram ao Cariri as condições de fertilidade tão conhecidas. O francês Brunet estudou-lhe a fauna e a flora, em 1857, como igualmente o fez o entomologista e botânico Freire Alemão de Cisneiros, em 1860, como antes já o havia feito em relação à sua mineralogia o eminente e precioso Marcos Antônio de Macedo.

Os índios Cariris, que legariam o nome à toponímia regional, ocupavam-lhe as terras. Na opinião de Schuller, teriam descido do Norte pelo litoral, acossados de perto pelos grupos Tupis, penetrando sertões a dentro. Calados, tristonhos, silenciosos na opinião de Varnhagen, diferentes da indiada adjacente. A ocupação portuguesa da área, feita sobretudo por baianos, sergipanos e pernambucanos, é historicamente certa a partir dos começos do século XVIII, quiçá dos fins do século anterior, tema, aliás, de uma das clássicas contro-

vérsias da história do Ceará. O povoamento trouxe, como suporte econômico, a pecuária, sendo assim singelo capítulo da expansão pastoril ao Norte do país, associando-se à lavoura canavieira e de subsistência, sem que o senhor d'engenho do Cariri jamais perdesse os vínculos pastoris pelas fazendas possuídas nos sertões vizinhos, da Paraíba, no Piauí e em Pernambuco, testemunhando a origem histórica de sua arribada no vale.

Ali aportaria no século XVIII a vasta gama dos meus antepassados maternos: Macedo, Cruz Neves, Pais Landim, Sampaio, Pereira Filgueiras, Lobo de Mendonça, Bezerra Monteiro ou de Meneses, radicando-se na gleba, lavrando a terra, plantando cana e criando gado, após a penosa e dura travessia dos sertões baianos ou pernambucanos, cruzando o S. Francisco e seus afluentes no encaço lento e tardo das boiadas.

O Crato seria a primeira vila, a primeira cidade, a primeira comarca, o primeiro município, o primeiro bispado da região. Seria o palco de uma honrosa participação nos acontecimentos políticos do século passado: o movimento republicano de 1817, a Independência e a libertação do Piauí e do Maranhão, a Confederação do Equador em 1824, a rebelião de Pinto Madeira e o período regencial, os voluntários cratenses reunidos por João Brígido, Pereira Maia e Antônio Luís, descendo para a guerra do Paraguai, entre os quais avultaria a figura ímpar de Carolino Bolívar de Araripe Sucupira em meio aos humildes "cabras" que deixaram suas vidas nos remotos e longínquos campos de Corrientes e do Paraguai.

Nasci e criei-me neste Crato tão rico de tradições, tão pleno de um passado que forma a nobreza do seu povo. Deus sabe que não se passa um dia sem que meu pensamento não se volte saudoso para a terra do meu berço. Como Jules Barbey d'Aurevilly, que suspirou a vida inteira pela sua Normandia, como meu inesquecível amigo Gustavo Barroso, meio século sonhando com o Ceará, passados 36 anos de afastamento definitivo, é para lá que se devolve o melhor das minhas lembranças de adolescente e de moço, *déraciné* de Barrés sonhando um retorno que sabe inviável para quem de lá saiu



compelido pela necessidade de abrir caminho na vida, impossível de ser rasgado nos limites acanhados da comunidade natal de antanho.

Ninguém melhor evocou, com o coração sangrando e o sentimento dorido, este Crato da minha infância e adolescência que Cláudio Martins, um pouco mais na vanguarda da vida mas inteiramente contemporâneo da época a que me refiro, no belo poema-discurso com que recebeu a cidadania cratense em março do corrente ano pelas mãos da conspícua Câmara Municipal.

Recordo bem e muito bem. As feiras e os mercados; o Natal com o caipira, a roleta e o pé-de-moleque nas bancas; os sambas de pé-de-serra nas noites de São João e São Pedro, com as redes sangrentas transportando na manhã seguinte mortos e feridos, fato em que o cacete de jucá ou a boa faca da Barra do Jardim tinham importante desempenho; os festejos de 1º de Setembro, a entrada do “pau da bandeira”, a Semana Santa com seu triste cerimonial, suas consoadas a vinho e bacalhau, o lava-pés com o bispo D. Quintino lavando os pés de Ramiro e de uma dúzia de pobres recrutados na Matança, no Barro Vermelho e na Rua da Palha; os zabumbas, a música de couro e a banda municipal, com Padim David indignado com a garotada chupando limão que lhe impedia de tocar o trombone pelo efeito-reflexo da salivação, vingança nossa pela astúcia que praticava no bilhar do Bar Ideal, fazendo um ponto, marcando dois e desfazendo três no fuso do adversário, o que provocava a ira de Teófilo Siqueira Filho, hoje respeitável jurista em São Paulo, Consultor do Estado e professor da Universidade.

Meu Externato Santa Inês, onde aprendi as primeiras letras com as boníssimas irmãs Cabral — Sinhá e Iaiá; meu Ginásio do Crato de imensas recordações; minha Escola de Comércio da Associação de Empregados do Comércio do Crato, onde estudei e fui professor; o velho Seminário, onde comecei meu magistério, e, sobretudo, minha Universidade local — a Livraria Ramiro, onde a bondade dos irmãos Pergentino, Ramiro, Luís e Aldeziro, permitiu que anos a fio eu pudesse ler



tudo que se publicava no Brasil sem precisar comprar, horas e horas embebido entre suas prateleiras na leitura do que de mais recente havia saído.

Peladas de bate-bola ou bola ao campo; passeios de bicicleta ou a cavalo; o pião e a cabeçolinha; jogos na noite enluarada no quadro da Matriz; a missa dominical e as bênçãos do Santíssimo, com as conversas ao pé das torres com os mais velhos; as festinhas em dias de domingo, matinais ou vesperais; cinemas e circos; os pique niques nos sítios; os banhos no Lameiro, no Grangeiro, nos poços da Escada ou do Jatobá (oh! cachaça do velho Nelson, néctar dos deuses, quanto mais fechado o bellissimo aljofre...!), tudo, tudo é o Crato do meu tempo que se abroquela em saudosas memórias, estendidas da primeira serenata ao serviço militar no TG-118.

Quantas vezes, nos momentos de lazer e de íntimo devaneio, não me acode a sugestão de traçar da minha terra o vasto perfil de sua evolução humana, reunindo o farto material de suas tradições e estórias num painel retrospectivo de mundos mortos em seu pretérito tão rico de vivências, a exemplo do que Érico Veríssimo realizou no ciclo romanesco de *O Tempo e o Vento*, sobretudo em *O Continente* e em *O Retrato*.

Até o título brotaria naturalmente de uma das sagas locais e seria uma vera efígie do meu povo. Uma bengala e dois vinténs, lembrando Gustavo Corção em *Três alqueires e uma vaca*, na intitulação, mas recordando no conteúdo a singular figura do cratense cujos familiares conservaram intocados, durante 40 anos, sobre o console de mármore e jacarandá, a bengala de passeio e as duas moedas de vintém ali postas ao chegar da rua, em vésperas de sua morte. Nada diz mais do apego conservador, do amor ao passado, da extrema sensibilidade familiar de minha gente cratense que episódio tão marcante e característico.

Não sei se um dia cometeria tal empreendimento, tão carenciado de veia literária e tão falto de engenho e arte para empresa tão avultada em exigência estética qual seja o romance. Seria, porém, a única maneira que reputo digna para

legar aos pósteros o testemunho de minha cratensidade, de amor à terra que raramente freqüento mas onde a primeira visita que sempre fazia era a Figueiredo Filho, seguindo-se a do cemitério onde em muitos túmulos dormem os de meu sangue e em quase todos brota a violeta de uma saudade por quem se foi e que eu não mais encontro nas ruas e praças da minha gleba patrícia.

Pois bem, foi nesse Crato saboroso e inesquecível das décadas dos vintes e dos trintas que vi o desabrochar do cidadão prestante, do homem de bem, do escritor, do companheiro boníssimo, José Alves de Figueiredo Filho, que os fados e a gentileza dos meus amigos nesta Casa quiseram tivesse eu a honra de ter como antecessor e de suceder assim ao cratense, ao caririense ilustre, que acima de todos os títulos possuídos eu prezava pela bondade, pelo caráter e pela honrosa amizade com que sempre me distinguiu e considerou.

Nascido em 14 de julho de 1904, no Crato, Figueiredo Filho teve como progenitor o farmacêutico José Alves de Figueiredo — o velho Zuza da Botica — homem inteligente, poeta e cronista, espírito algo voltairiano, prócer político e ex-Prefeito da minha terra, de quem Figueiredo Filho herdaria o talento e o gosto pelo cultivo das letras. Pelo lado materno, seria sua progenitora D. Emília Viana de Figueiredo, dama de peregrinas virtudes pela sólida piedade cristã, que acredito tenha sido poderosa influência para devolver Figueiredo Filho ao seio da Igreja Católica, de cujo laicato ele seria na idade adulta, superadas as dúvidas da juventude, operoso líder na Diocese do Crato, como um dos dirigentes da Ação Católica e vinculado a outros sodalícios diocesanos da terra comum.

Feitos os estudos primários e iniciados os secundários no Crato, Figueiredo Filho deslocou-se para Fortaleza para ultimar o nível médio no Liceu do Ceará e prosseguir em nível superior. Assim, ingressou na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, tornando-se farmacêutico pela turma que colou grau em 1925, talvez pelo atavismo paterno e seguindo a carreira de outro grande nome da literatura cearense, o mestre Rodolfo Teófilo. Foi escolhido pelos concludentes, entre

os quais figuravam seus conterrâneos João Batista de Siqueira Cavalcânti e Nilo Rolim, para orador oficial da turma concluinte, cujo paraninfo era o Dr. Amadeu Furtado, conhecido médico e político em Fortaleza.

O escritor João Ribeiro Ramos, um dos seus colegas de turma, explicou de modo honroso sua eleição, “escolhido que fora por unanimidade, em virtude mesmo de ser o primeiro dentre nós e também o mais querido e respeitado, pela serenidade de seu espírito, pela justeza do seu caráter, pelo equilíbrio e agudeza de sua inteligência”.

Retornando ao berço natal, retomou ao lado do progenitor a atividade farmacêutica, na qual se manteve mesmo quando aquele se afastou definitivamente desta profissão. Era a Farmácia do velho Zuza o clássico ponto do gamão, das rodas na calçada e de política naquele Crato dos bons e velhos tempos.

Consociando-se em uma das famílias mais respeitáveis e tradicionais da gleba, em 1926, com a exma. sra. D. Zuleica Pequeno de Figueiredo, portadora de excelsas virtudes e de sólida formação católica, sua extremosa esposa e inteligente colaboradora ao longo dos anos, creio poder afirmar até onde alcançam minhas reminiscências que Figueiredo Filho ingressou então numa nova etapa de sua formação espiritual, que o conduziria em marcha batida à completa integração no seio da Fé católica, a cujo serviço colocou grande parte de sua vida.

Explico-me: talvez pelo espírito libertário do talentoso progenitor, talvez pela convivência universitária em Fortaleza sempre irreverente como sói acontecer na juventude, Figueiredo Filho era visto nos primeiros anos de retorno ao Crato como um tanto arredo às cousas da Igreja. Creio que as orações maternas, o inteligente trabalho da esposa e mais a onda de renovação católica que varria o país, começada por Jackson de Figueiredo e o Centro Dom Vital, cujo pensamento chegava ao Crato pela magnífica revista *A Ordem*, prosseguido por Leonel Franca, Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira, Hamilton Nogueira e outros, foram fatores decisivos para integrá-lo de-

finitivamente na Igreja, da qual, como já afirmei, seria sempre devotado servo e eminente leigo.

Distanciado de mim pela idade quase vinte anos, o espaço de uma geração, é óbvio que nossa aproximação definitiva e inquebrantável amizade viesse a surgir ao término de minha adolescência, em circunstância dramática e honrosa que vale recordar a bem da verdade histórica, pois dignifica a Figueiredo Filho como a outros, e que bem poderia me fazer dizer, parodiando a canção do Oeste norte-americano, que nasci no Cariri e entre bravos me criei. Vi Figueiredo Filho, homem tranqüilo e sereno que era, mostrar que pertencia a essa linhagem, não apenas pelos troncos familiares que lhe enobreciam as origens avoengas, mas pela coragem de tomar atitudes decididas em horas graves.

Não posso fugir à narrativa do episódio, imposta por dever de justiça a muitos que não mais pertencem a este vale de lágrimas. Estávamos em 1937, quando pelo País afora alastrava-se o trabalho de doutrinação espiritualista e nacionalista feito pelo Integralismo brasileiro, em cujas fileiras, ainda menino, eu me alistara desde junho de 1933.

Tendo voltado ao Crato, após meu término de curso no Liceu do Ceará, com meus colegas e íntimos amigos José Jaime de Alencar Arrais e Teófilo Artur de Siqueira Cavalcânti Filho, éramos os três mosqueteiros que trouxeram nova vida ao núcleo integralista local que hibernava. Nosso trabalho, constante e perseverante, elevou as fileiras de algumas dezenas para a casa das centenas de novos companheiros, recrutados em todas as categorias sociais.

Um dia, por intermédio de Teófilo, soube que Figueiredo Filho estava lendo nossos livros, jornais e revistas, tomado de simpatia pelo esforço que desenvolvíamos. Nunca pensei, porém, que já sendo uma das figuras respeitáveis da minha cidade, cheia de preconceitos como toda comunidade pequena, que ele viesse a vestir uma camisa-verde e tomar posição política ostensiva e pública.

Fê-lo e fê-lo do modo mais aberto e claro possível, pois foi em meio a um começo de conflito armado. Um grupo

de adversários, alarmados talvez com nossa penetração no Município, promoveu uma manifestação contrária no salão do cinema, junto à Praça Siqueira Campos, em frente à qual residia Figueiredo Filho. A linguagem insultuosa e deprimente dos oradores provocou apertes de jovens companheiros estudantes que ali tinham comparecido por curiosidade, aliás, desobedecendo a instruções superiores. Sabedor do fato, dirigi-me ao local imediatamente, ali encontrando violenta discussão à saída do cinema, com alguns dos presentes exibindo “revólveres” — é certo que as mãos de um ou dois tremiam, o que fazia recear o equívoco de um disparo involuntário contra jovens estudantes inermes e desarmados. Levado de rolão à agitação presente, mal percebi quando Figueiredo Filho, de pijama e chinelos, atravessou, correndo, a distância que ia de sua casa ao local, para tomar lugar em nossas fileiras, prestes ao conflito iminente, do qual pouco após resultaria cair ferido Moacir Freire, nosso companheiro, filho da cidade de Assaré, cuja gravata ensanguentada possuí por largos anos entre meus pertences. Nesta mesma noite, em sessão solene na sede do núcleo local, ingressava naquele movimento Figueiredo Filho, arrastando numerosos parentes e familiares, em cujas fileiras se manteve com lealdade e decoro, vindo a sofrer não poucas amarguras pelo seu corajoso idealismo após o traiçoeiro golpe de 10 de novembro de 1937 — marco inicial da malfadada ditadura getuliana.

Narro o fato, como disse, a bem da verdade, para retificar o conceito exarado alhures que Figueiredo Filho jamais se comprometera politicamente. Fê-lo, é certo, esta única vez e de maneira mais honrosa. Daí em diante, mesmo após a reconstitucionalização de 1946 e a queda do Sr. Getúlio Vargas, não quis estabelecer outros compromissos, mantendo-se cuidadosamente alheado da política partidária.

O alheamento, entretanto, não o impedia de tomar posições impostas pelo civismo. Como muito bem disse o eminente Senador Wilson Gonçalves, nosso conterrâneo, fazendo-lhe o elogio da tribuna do Senado Federal, Figueiredo Filho “era, no entanto, possuidor de invulgar e nobilitante espírito

público, defensor incansável das reivindicações do seu povo, cujos problemas conhecia profundamente e para cuja solução trabalhava sem se poupar. Sem vínculos partidários, independente no exame dos homens e dos fatos da vida pública, com indiscutível autoridade moral por todos proclamada, devotava tamanho amor à sua terra natal que, não obstante doente, quebrando, para espanto, a sua tradicional neutralidade e o seu consciente alheamento às disputas eleitorais, chegou a comparecer espontaneamente, num imenso sacrifício pessoal, a um comício político, no último pleito municipal, falando sentado, ao povo, tal a debilidade do seu estado físico, somente porque, superior à discórdia reinante, entendeu, na sua aprimorada compreensão cívica, que, sem compromissos, devia manifestar a sua autorizada palavra em favor de uma decisão que considerava salvadora dos destinos de sua gente e de sua querida cidade.” Até aqui, o ilustre Senador.

Falou sentado ao seu povo, com o físico gasto mas a alma e o coração cheios de energia, de civismo, de amor ao Crato. Sentado, como Bernardo Pereira de Vasconcelos, o tabético cuja palavra de comando soava candente no Senado do Império, mas de quem descia tal energia espiritual que imprimiu novos rumos à vida pública brasileira, preparando os dias áureos de tranqüilidade, de paz e de segurança do Segundo Império.

Ultrapassados os dias tormentosos e funestos daqueles recuados últimos meses de 1937, Figueiredo Filho, a par de sua atividade profissional de farmacêutico, volta-se inteiramente para as atividades de liderança no laicato católico do Crato e retoma por completo as preocupações de ordem intelectual a que se somarão, no futuro, intensos labores em prol da comunidade cratense e do Cariri, constituindo a marca que o acompanhou até à morte, naquele infausto 29 de agosto de 1973, cuja notícia me fez verter silenciosas lágrimas nos olhos e no coração pelo desaparecimento do mais autêntico dos cratenses.

O Integralismo brasileiro, a cuja influência espiritual não escapou Figueiredo Filho, tinha como uma das vigas mestras



de seu arcabouço doutrinário a preservação e intransigente defesa da cultura nacional, das tradições brasileiras e de nosso passado. É o que se convencionou chamar nacionalismo cultural, ideologia altamente distinta e diversa do nacionalismo econômico, geralmente apresentado como ideologia substituta do estatismo econômico, das formas coletivistas da economia, assim como difere do nacionalismo liberal e chauvinista do século XIX no campo político, xenófobo, etnocêntrico e extremadamente jacobino, do qual procede em linha reta a loucura racista de Hitler e Rosenberg, pois, como sempre, as loucuras do século passado prefiguram as do atual.

Ora, não há incompatibilidade mas perfeita concordância entre um verdadeiro nacionalismo, quando compreendido em sua legítima e correta acepção, e o sentimento regionalista, quando igualmente configurado em limites adequados. O sentimento da Pátria *chica*, da Pátria menor não se conflita em absoluto com o da Pátria Maior. Prova de nossa afirmativa é o conhecido fato de os grandes pensadores nacionalistas e tradicionalistas terem sido sempre ardentes regionalistas. Podemos separar Vasquez de Mella de sua Navarra, Maurras de sua Provença ou Barrès de sua Lorena?

O regionalismo, como ensina Gilberto Freyre, “não deve ser confundido — acentui-se bem — nem com o separatismo, nem com o anti-nacionalismo”. A Nação é uma pela herança comum e pelo destino histórico como é vária pelas suas peculiaridades locais e regionais, lembrando-nos aqui mais uma vez o sábio hilemorfismo aristotélico. Daí sua compatibilidade com as mais diversas tendências, observou mestre Gilberto Freyre. Regionalistas foram Frederico le Play, Tocqueville, Augusto Comte e até Proudhon, este esquerdista que tantas vezes pensou como homem de direita de fundas raízes na tradição.

Compreendemos assim por que o regionalismo foi a grande chancela da obra literária, da vida e da ação social de Figueiredo Filho, tão profundamente nacionalista pela sua brasilidade, tão universalista pela catolicidade de sua Fé e de seus princípios éticos. Regionalismo que alçava sua voz pelo



profundo apego ao Crato e ao Cariri, a tudo que dissesse respeito ao sul-cearense. Poder-se-ia até dizer que, se Figueiredo Filho quisesse brazonar um *ex libris* para sua produção literária, bastaria recorrer à marca a ferro e fogo da freguesia do Crato onde se esmaltam heraldicamente os quatro C do orgulho cívico da tradição local: Cidade do Crato, Cabeça da Comarca. . .

A tônica regionalista tem sido notada por todos os que escreveram sobre o pranteado conterrâneo. Ele próprio, em discurso de posse nesta Casa, declarava enfaticamente: “Sou impregnado das coisas do Cariri.” Para Abelardo Montenegro era “o caririense cem por cento”. Braga Montenegro, em carta a Lindemberg de Aquino, recorda: “Amou, assim, com um amor todo de doação, a terra do seu berço, e não apenas o seu Município natal, mas ainda toda a Região do Cariri, a qual dignificou com o seu trabalho, as suas pesquisas, com os seus livros, com a sua constante dedicação.”

Todos batem na tecla da regionalidade de sua obra social e intelectual, e mais do que nunca este outro cratense de alto porte que é o poeta e ensaísta José Newton Alves de Sousa, cuja ausência torna defectiva a representação caririense neste plenário. Vede como se pronunciou José Newton: “O profundo telurismo de seu universo emocional fê-lo um caririense de corpo e alma.” E acrescenta: “era uma cultura que se entretecera de livros e reflexões, senhora de si, caudatária só do caboclismo, do irremediável e altaneiro caboclismo que tem assinalado o *homo cratensis* de que foi perfeito exemplar. Esse caboclismo era e é a autenticidade no procedimento, a fidelidade às origens e à convicção dos destinos. Era e é uma espécie de marca nativa, uma vocação do cerne geo-histórico do vale do Cariri, feita de amor à gleba, de valorização e até supervalorização da paisagem, na inteireza dos seus elementos formadores”.

A obra literária, a atividade intelectual, a ação social e comunitária de Figueiredo Filho foram assim altamente permeadas pela conotação da regionalidade.

Todos os seus livros — por mim lidos e possuídos, como amava dizer Oliveira Viana com as excelentes fontes bibliográficas de sua obra inigualável — refletem a tonalidade do regional, a começar pelo romance *Renovação*, publicado em São Paulo no ano trágico e decisivo de 1937, em cujo prefácio Gustavo Barroso exarava judicioso conceito do autor e referia o profundo sentido brasileiro e regionalista dessa obra de ficção, a par de sua espiritualidade.

Em *Meu Mundo é uma Farmácia* retoma a temática cratense e caririense pelo depoimento memorialístico e, para íntima alegria de quem vos fala, lá está meu nome como um dos amigos e freqüentadores habituais da velha roda e dos que a amizade inquebrantável levava ao convívio diário com o talentoso e boníssimo conterrâneo.

Os demais trabalhos, *A Cidade do Crato*, editada pelo Ministério de Educação e Cultura, para comemorar o centenário de elevação à categoria de cidade da nossa Real Vila de Nossa Senhora da Penha do Crato, a *História do Cariri*; *Engenhos de Rapadura do Cariri*; *O Folclore no Cariri*; *Folguedos Infantis Caririenses*; *Patativa do Assaré* e *No Asfalto e na Piçarra* basta a intitulação para evidenciar não apenas o conteúdo cratense, caririense e regional da produção literária mas sobretudo o incansável pesquisador das questões culturoológicas e históricas referentes à terra natal e ao vale que lhe viu a fecunda existência.

Creio chegado o momento de formular vibrante apelo ao Crato, ao Cariri, aos seus intelectuais, ao Instituto Cultural do Cariri, à Academia, à Prefeitura do Crato e ao Governo do Ceará, à Universidade Federal do Ceará, a todos que têm condições de responder e ajudar. É preciso que a obra dispersa de Figueiredo Filho nos jornais e revistas do Crato, de Fortaleza, do Recife, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Paraíba, dezenas e dezenas de periódicos, não venha a ter o medíocre destino do arquivamento nas hemerotecas do País. Faz-se mister coligi-la no que ela tem de permanente e fundamental e trazê-la coletada em volumes para glória de seu nome e alegria dos que cultuam sua memória inolvidável. Em

súmula, impõe-se a necessidade de reunir e publicar o que deixou disperso o eminente cratense.

Se a produção intelectual de Figueiredo Filho tem o foro da notabilidade, mais ainda poder-se-ia dizer de sua ação social sempre a serviço de sua terra. Se o intelectual foi grande, o homem, muitas vezes, foi maior como chefe de família, integrante da comunidade cratense, cidadão e homem de bem e, sobretudo, o amigo boníssimo que carinhosamente me ajudou em horas difíceis e de quem, quinze dias antes de seu passamento, recebia afetuosa carta instando mais uma vez para substituí-lo na direção do núcleo cearense da Associação Nacional de Professores Universitários de História, pedido que infelizmente não pude atender e que foi sua última mensagem a mim dirigida. Tinha o culto da amizade: mesmo quando discordava da opinião de um amigo, sabia fazê-lo em termos nobres e elevados, como, por exemplo, na carta que me dirigiu em 1973, divergindo em alguns tópicos de meu ensaio sobre a Independência, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*.

Os livros, os artigos em jornais e revistas, as crônicas radiofônicas, as numerosas instituições a que pertenceu no Ceará e pelo Brasil afora, as palestras, os discursos e conferências pronunciados, muitas vezes, em ambientes requintados e de alto nível como esta Academia, a Casa de Juvenal Galeno, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e outros congêneres do País, a Academia Pernambucana de Letras, o Instituto Joaquim Nabuco e a Assembléia Legislativa do Piauí, as funções que exerceu e os congressos, simpósios e seminários de que participou em freqüentes oportunidades, sempre guardavam uma meta invariável, aquela que ele confessava na última crônica que escreveu para a Rádio Educadora do Cariri: "dentro de minhas limitações, faço o possível para que minha terra seja conhecida, por aí afora, notadamente no sul do País, e justamente entre professores universitários de história e meios cultos".

Foi assim Figueiredo Filho um homem cuja ação social na comunidade e fora, sempre servo fiel e devotado, ultra-

passou a própria obra literária, que para ele representou sempre um instrumento a mais no desejo incontido de servir ao Crato e ao Cariri, desejo que se cristalizou sobretudo em três notáveis e inexcusáveis empreendimentos que tiveram sempre sua ilimitada dedicação: conservar em pleno funcionamento o benemérito Instituto Cultural do Cariri, assegurar a continuidade da publicação do rico repositório que é a revista *Itaytera* e, menos conhecido, a manutenção do Museu do Crato, que chegou a abrigar em sua própria residência familiar. Tem, pois, sobradas razões o conterrâneo José Newton Alves de Sousa quando interroga angustiado: “Quem o substituirá no amor à terra, no zelo pelos direitos do Crato, na trincheira invicta, no lidar sem tréguas?” — uma interpelação altamente preocupadora e repleta de estima ao Crato e ao Cariri, mas que, mercê de Deus, confiamos que nossos conterrâneos saberão responder honrosamente a esse desafio do Destino.

Somavam-se assim em Figueiredo Filho aquela “craten-sidade inamovível” a que alude José Newton Alves de Sousa a uma sólida e excelsa grandeza moral. Creio que a mão da Providência interferiu para resguardar sempre a inteiriça estatura ética de Figueiredo Filho até mesmo no momento de sua auspiciosa escolha para a Academia Cearense de Letras, pois não é sem reflexão adequada sobre os desígnios do Altíssimo, notar que caráter tão belo e tão forte como o de meu antecessor veio se acolher ao seio de vossa companhia precisamente sob o patrocínio de um dos mais conspícuos varões cearenses e de eminentíssima austeridade, qual seja o Patrono da Cadeira nº 34, o ilustrado Samuel Felipe de Sousa Uchoa, honra da magistratura, da vida pública, do jornalismo no Ceará, mas sobretudo um espírito dotado de grande energia moral, como acentuou o Barão de Studart.

Filho de Jaguaribe-mirim, onde nasceu em 1843. Samuel Uchoa concluiu seu curso jurídico no Recife, onde teve como colega de turma o futuro Barão do Rio Branco, o grande chanceler que o Império legou à República. Promotor público, magistrado enérgico e independente, deputado provincial, Chefe

de Polícia no Ceará e no Pará, Vice-presidente do Piauí, Comendador em Portugal e Cavaleiro da Ordem da Rosa no Brasil, jornalista intemerato e polemista vigoroso, político de princípios num país cuja política se caracteriza pela ausência de princípios e excessiva docilidade para com a sombra que emana do poder na enxurrada habitual dos favores e benesses, temendo e respeitando apenas a majestade da Lei, como ocorre com todos que estimam como uma conquista da civilização o Estado de justiça, o Estado de direito, Samuel Uchoa foi raro exemplar de cidadão com larga intrepidez cívica e imenso destemor moral.

Andrade Furtado, em belo artigo de fundo em *O Nordeste* de 22 de dezembro de 1943, elogiou o austero Patrono da Cadeira nº 34, como um exemplo de honradez, por ocasião do centenário de seu nascimento. Dolor Barreira, o talentoso Dolor, pela amenidade do estilo e requintada arte do bem dizer, meu nobre e ilustre colega no Instituto do Ceará e um dos que pontificam também nesta Casa, publicou em excelente ensaio na revista *Valor*, de maio de 1944, autêntico retrato do inesquecível magistrado conterrâneo, cuja leitura se faz com deleite e agrado, decorridos trinta anos de sua publicação.

Falecido prematuramente em 1902, contando apenas 59 anos de honrada existência, Samuel Uchoa é o Patrono da minha Cadeira, foi assim o Patrono também de Figueiredo Filho, outro caráter de eleição. Com tão ilustrada e conspícua linhagem de antecessores, só me resta pedir ao Deus da minha ortodoxia católica, que não me deixe deslustrar progênie tal alta e de tanta fidalguia espiritual, procurando assim corresponder agradecido e profundamente sensibilizado, abrindo as fontes mais íntimas do meu ser, aos que são responsáveis pela minha investidura nesta posição, a todos os Srs. Acadêmicos que me honraram com seu voto e confiança, fazendo-me imerecidamente um dos seus pares; a Mozart Soriano Aderaldo, pelas boníssimas palavras de sua saudação, nascidas da amizade que nos une desde 1939, companheiro e irmão

de armas em muitas lutas e compartilhando comigo o sal de muitos dias de fraterna convivência, jamais empanada por qualquer nuvem divergente; às respeitáveis instituições públicas, quais sejam a Assembléia Legislativa do Ceará, Câmara Municipal de Fortaleza, Conselho Estadual de Educação, Conselho Estadual de Cultura, Conselho Regional de Contabilidade e Projeto Rondon que me endereçaram por ofício suas congratulações; ao Colégio Militar de Fortaleza, ao Instituto Cultural do Cariri, ao Instituto dos Docentes Militares — Seção do Ceará, à Associação de Professores de Ensino Superior do Ceará, ao Náutico Atlético Cearense, ao Rotary Club de Fortaleza, ao Instituto do Ceará, pelos cumprimentos e homenagens que recebi; aos órgãos da imprensa falada e escrita, pelas referências desvanecedoras; e, finalmente, a todos os meus amigos que, por carta, telegrama ou pessoalmente, trouxeram-me o estimulante apoio de suas felicitações, destacadamente meu colega de juventude, o Ministro João Gonçalves de Sousa, Subsecretário de Cooperação Técnica da Organização dos Estados Americanos, Murilo Serpa, atual Secretário da Educação, Ernando Uchoa Lima, Secretário de Cultura do Ceará, Deputados Aquiles Peres Mota e Antônio dos Santos, Vereador Djalma Eufrásio, Reitor Walter de Moura Cantídio, Major René Gouveia Miranda, Coordenador Regional do Projeto Rondon, Ary Araripe, Jósio de Alencar Araripe, Zuleica Pequeno de Figueiredo, João Lindemberg de Aquino, Luís Francisco de Oliveira, Pe. Francisco Pinheiro Landim, Professores Hélio Barros, Paulo Elpídio de Meneses Neto, Joarivar Macedo, Antenor Bezerra de Meneses, Osvaldo Araújo, Pedro Augusto Gurjão Pessoa, Dulcina Palhano, Mário Gurjão Pessoa, meus estimados companheiros de magistério militar Coronéis Felizardo de Paula Pessoa Mendes, Paulo Airton de Araújo, Celso Viana de Araújo, ora no Comando do 4º Batalhão de Engenharia de Construção em Barreiras (Bahia), e do Major José Nunes de Melo, hoje servindo nas fronteiras amazônicas.

A todos, repito, a profundidade de meus agradecimentos, na firme esperança de que saberei trilhar o caminho perse-

guido por Figueiredo Filho, de amor às letras e à cultura, de independência espiritual e com estremecida vocação de servir, ele que foi, na incisiva afirmação de João Gonçalves de Sousa, “a figura número 1, a figura humana mais representativa do Crato, de todo o nosso Cariri”.